Histórias Policiais
Volume 3

Contém duas histórias: A visita final – pág. 03
Há sete anos – pág. 53

A visita final

Neide Martins

3ª edição

2022

Ilustrações – capa e texto – Henrique Dore
Composição e diagramação: Dan & Cia
Arte final: André Dorta

A visita final

1

Talita desceu da cama. A vítima estava caída no chão, de bruços, junto à porta do quarto. De olhos postos no homem, ela se moveu devagar. Na penumbra, aquela figura parecia grotesca. Procurando controlar-se, vestiu um robe, passou por cima do corpo e atravessou correndo a sala. Não esperou o elevador, precipitou-se escada abaixo. Apertou a campainha do apartamento de um casal amigo. Ninguém apareceu. Ela insistiu, não tirando o dedo da campainha.

Abelardo, o dono da casa, ao verificar quem era, abriu a porta. De voz sonolenta, explicou:

– Demorei porque estava dormindo... Que aconteceu?

– Preciso de um médico, acabei de atirar num homem! – respondeu chorando.

Sem compreender o que se passava, Abelardo mandou-a entrar e sentar-se. Adalgisa, sua esposa, acercou-se da amiga e pediu-lhe que se acalmasse, falando devagar para que a entendessem. Com palavras entrecortadas por soluços, ela informou o que havia sucedido. Adalgisa procurou o número do telefone

do pronto-socorro, enquanto seu marido dirigiu-se ao apartamento da vizinha a fim de avaliar o estado da vítima. De lá, ligou para o celular da esposa. Ao ouvir sua voz, disse que o homem estava morto!

Talita, tomando conhecimento do ocorrido, desesperou-se. Quando o vizinho surgiu, ela indagou:

– Você tem certeza de que o cara morreu mesmo? Eu nunca peguei em revólver. É do meu marido. Não imagino como pude matar alguém. Você tem certeza de que o homem está morto? – repetiu.

– Tenho!

– Caramba! Que devo fazer? Se Ulysses estivesse aqui seria diferente. É uma fatalidade!

– Com a presença de seu marido, o cara não invadiria o apartamento. A intenção dele era estuprá-la. Sinto muito Talita, mas preciso ligar pra polícia. Que fez com o revólver?

– Joguei no chão!

– Não o vi, também não procurei.

– Deve ser um marginal que a observava sem que você percebesse – opinou a amiga.

Abelardo comunicou-se com a delegacia do bairro e narrou a ocorrência. Talita chorava compulsivamente. Adalgisa deulhe um calmante. Ela bebeu sem questionar. Em poucos minutos, parecia mais calma.

A vizinha, na esperança de ajudar Talita, aconselhou-a:

– Não tenha medo! Você matou o homem porque se encontrava aterrorizada. E depois do que ele fez, não podia deixá-lo escapar.

– Será que agi certo? Isto vai sair muito caro pra mim. Meu

marido precisa saber o que aconteceu. Nem sempre sei onde ele está, e quando sei o celular não funciona.

A criminosa falou que necessitava de roupa, mas não tinha coragem de ir ao apartamento.

– O que você quiser eu pego, basta dizer onde está – prontificou-se Adalgisa.

Não demorou, e a vizinha apanhou no quarto indicado: calça comprida, blusa, sutiã que estavam em cima da cadeira, uma calcinha, na primeira gaveta da cômoda, e o celular, sobre a mesinha de cabeceira. Adalgisa teve o cuidado de não esbarrar no morto nem colocar a mão em qualquer local do apartamento.

De posse do celular, Talita digitou o número do aparelho do marido por várias vezes. Nada! Ao perceber que a amiga não conseguia falar, Adalgisa sugeriu que ela ligasse de seu telefone fixo.

– Obrigada! – tentou, porém a ligação não completava.

Ela demonstrou que precisava tomar banho.

– Fique a vontade! – concordou a vizinha, entregando-lhe uma toalha.

Só na sala, Talita voltou a ligar para o marido, todavia não teve sucesso. O celular de Ulysses estava fora da área.

Abelardo foi esperar a polícia em frente do apartamento da vizinha. O delegado Oliveira e dois policiais logo chegaram, vendo a pessoa que se apresentou como amiga da autora dos tiros, o policial chefe perguntou-lhe se sabia de alguma coisa sobre aquela ocorrência. Abelardo respondeu negativamente e informou que a responsável pelo ato se encontrava em seu apartamento. Oliveira mandou um dos policiais buscá-la.

O rapaz seguiu Abelardo, cumprindo ordem, e os demais invadiram o apartamento à procura da vítima. Após achá-la, observaram-na apenas. Estatura média, magra, de cabelos lisos. A seguir, revistaram os cômodos da residência. Neste ínterim, Talita localizara seu advogado.

Com Adalgisa, ela voltou à moradia. Na área, calçou a sandália que lavara na véspera. O delegado conduziu-a para depor, um policial continuou no local do crime, aguardando a perícia. Mais tarde, tiraram a vítima dali.

Enquanto isso, a autora do homicídio prestou depoimento na delegacia. Sempre chorando, a mulher passou pelo interrogatório de praxe. Ela solicitou ao delegado que a deixasse conversar com seu advogado assim que ele chegasse. Oliveira esclareceu que poderia vê-lo quando fosse liberada.

Talita revelou que o marido era representante de uma empresa e viajava a trabalho. Graças ao celular se comunicavam diariamente. À noite, na ausência do esposo, deitava-se às vinte e três horas mais ou menos, adormecendo rápido. Naquela madrugada, um barulho acordou-a. O quarto não ficava escuro porque ela deixava um abajur aceso. Enxergou um homem, de cor branca, perto da cômoda. Apavorou-se, mas fingiu que dormia. O invasor aproximou-se dela, teve a sensação de que ele a observava. Continuou quieta. Súbito o cara se sentou na beirada de sua cama e a sacudiu pelos ombros, mandando que não desse um pio. Assustada, sem ter como livrar-se do intruso suplicou em prantos que ele roubasse o que lhe aprouvesse, deixando-a em paz. O homem colocou uma das mãos em sua boca para impedi-la de gritar, com a outra pôs o revólver na testa dela e ordenou que não fizesse barulho, senão morreria.

Talita passou os dedos no rosto. O delegado ofereceu-lhe uma caixa com lenços de papel. Ela, pegando um, enxugou as lágrimas e prosseguiu dizendo que mais apavorada ficou ao ouvir: “Tire a roupa!”.

Conseguiu balbuciar que não faria aquilo. O invasor rasgou seu pijama com violência e exclamou:

– Hoje, vou saciar meu desejo de possuí-la quer queira ou não. Há meses estou de olho em você.

Ele começou a passar a mão em seu corpo, e ela a debater-se, suplicando ao estranho que fosse embora. O cara preveniu-a que facilitasse, senão acabaria morta. Cansada de lutar, entregou-se aos carinhos do desconhecido. Saciado seu desejo, o homem levantou-se e vestiu as calças. Ela se lembrou de que Ulysses tinha um revólver na gaveta da mesinha de cabeceira. Abriu-a, segurou a arma e disparou na direção do estuprador que se encontrava na frente da porta do quarto. Deu vários tiros com a finalidade de impedi-lo de fugir, mas não sabia se tinha acertado até escutar o barulho do corpo ao bater no chão. Pegou o robe, nos pés da cama, vestiu-o. Ligeiro, passou ao lado do individuo e desceu pelas escadas, indo para o apartamento de uns amigos que moravam três andares abaixo do dela. Dito isso, ela chorou mais alto, numa demonstração de sofrimento. O delegado avisou-a de que não poderia ausentar-se da cidade. Dispensou-a por ora. Conduziram-na a uma sala onde encontrou os amigos e o advogado. Este a cumprimentou e disse:

– A senhora não irá pra casa agora porque vai ser submetida ao exame de corpo de delito. Vou acompanhá-la.

A indiciada agradeceu aos vizinhos; com receio, ela seguiu o advogado e o policial sem reclamar.

Feito os exames necessários, comprovou-se que a mulher tivera relação sexual. Não sofreu nenhum arranhão. Ela foi dispensada.

– Será que o corpo ainda está no apartamento? – indagou Talita ao advogado quando o viu.

– Acredito que não. Mas o local ficará isolado até a perícia liberar. E a senhora será obrigada a olhar o morto, pra confirmar se de fato não o conhece.

– Eu já falei que nunca vi aquele cara.

– A senhora estava sob pressão, desorientada. A polícia vai chamá-la pra reconhecimento da vítima. Quando a convocarem, avise-me. Iremos juntos.

O advogado levou-a em casa, despediu-se, avisando que se comunicasse com ele antes de fazer qualquer coisa. Voltaria à noite para orientá-la de como proceder daí para frente.

Ela entrou em seu apartamento, foi direto ao quarto, a porta estava trancada. Dirigiu-se ao banheiro e tomou um banho demorado. De roupão, jogou o que usara no tanque. Na cozinha, fez café que bebeu acompanhado de um pedaço de pão e presunto. O pijama e a calcinha, rasgados durante a ocorrência do estupro, estavam nas mãos da polícia.

Talita dormiu em outro quarto, pela manhã, telefonou para a vizinha e agradeceu-lhe outra vez o que ela e o marido fizeram. Adalgisa ofereceu-se para avisar Victor. Ela respondeu que ia telefonar para o irmão imediatamente. E assim o fez. O rapaz mostrou-se chocado com a notícia.

– Victor, conte pra Joyce, embora ela não se importe com o que suceda comigo.

– Vocês não se dão bem desde que eu as conheço.

– Por você estudar em outra cidade, conviveu pouco tempo com a gente, e papai ficava sempre do lado dela, a caçula certinha.

Joyce e Victor moravam juntos. O irmão era casado, a irmã, solteira.

Ele perguntou à Talita se queria companhia, ela agradeceu. O pior já passara. Tentaria comunicar-se com o marido até achá-lo. Victor prometeu ir a seu apartamento no dia seguinte. Joyce, ao saber do homicídio cometido pela irmã, avaliou:

– Ela não precisa da gente. Sempre resolveu seus problemas.

❁ ❁ ❁

Talita finalmente localizou o esposo que estava indo para outra cidade. A mulher revelou-lhe os fatos da noite anterior, mostrando-se agitada. Ulysses prometeu chegar o mais rápido possível. À tarde encontrar-se-iam. O rapaz solicitou a um colega que fizesse as visitas designadas para ele. Ia solucionar um assunto grave ocorrido com sua esposa. Não lhe revelou o motivo do regresso antes do dia previsto. Pela estrada, ele dirigia às pressas, imaginava como Talita, por ser sensível, deveria estar sofrendo com o ocorrido. Guiava sem prestar atenção nos outros carros. Por pouco, não bateu na traseira de um caminhão. Parou num bar para beber um refrigerante e um cafezinho. Se não se concentrasse no que estava fazendo, causaria um acidente, no entanto necessitava chegar ligeiro a sua residência.

Ele, aflito, entrou em casa. Abraçou a mulher. Esta, chorando, sentiu-se protegida com sua presença. Conseguiu dizer que ao segurar o revólver não atinou com as consequências. Só desejava impedir que o homem fugisse. O marido consolou-a:

– Calma querida, eu estou aqui pra ajudá-la no que for possível e impossível. Você agiu motivada pela agressão que sofreu. A favor da verdade não há argumento que a conteste!

– Se ele saísse dali, eu não o reconheceria. Como acusá-lo? Eu não pretendia matar o cara, minha intensão era impedi-lo de fugir.

– Quero saber como isso aconteceu!

Ulysses passou o braço nos ombros da mulher, conduziu-a a uma poltrona. Ela se sentou. Ele lhe ofereceu algo para beber. Aceitou. O rapaz pegou no bar da sala a garrafa de uma bebida cara e um copo onde despejou um pouco do conteúdo, entregando-o à esposa que o engoliu rápido e depositou o copo em cima da mesinha lateral.

Ela repetiu o que havia dito à polícia, demonstrando estar envergonhada. O esposo abraçou-a, penalizado. Sentiu raiva do indivíduo que a molestou. Talita parou de chorar e lamentou que precisasse dizer ao delegado que já tinha visto o cara perto do edifício em que residia. Devia mudar o depoimento. Na penumbra do quarto não o reconheceu, mas no IML (Instituto Médico Legal) viu que aquele rosto não lhe era totalmente estranho.

– Por que ocultou que o reconheceu?

– Não sei! Estava desejosa de vir pra casa.

– De onde o conhecia?

– Várias vezes, encontrei o cara nesta rua...

Talita parou de narrar os fatos e exclamou:

– Ele me observava o tempo todo, nem desconfiei!

– Você é uma mulher bonita. Os homens de bom gosto apreciam sua beleza! Mas o que a violentou é louco! Em sã

consciência, ninguém faz o que ele fez. Maldito! Teve o fim que mereceu. Lamento que tenha acontecido através de você! Eu é que devia ter matado ele!

– Você não!

A mulher abraçou o marido, chorando.

❁ ❁ ❁

Em conversa com o amigo Doc, detetive particular, o delegado Oliveira mencionou o homicídio. O outro retornava de uma viagem com a esposa que estava de férias. Orgulhava-se de ser o único detetive particular, trabalhando com a polícia. Admirado, disse a Oliveira que gostou do computador e da televisão. O delegado esclareceu que a televisão fora presente, mas queria saber o que ele achou do caso Talita.

– Este crime aguçou minha curiosidade. Que eu saiba é a primeira vez que uma mulher mata depois de um ato sexual. É incomum.

O delegado confirmou que ocorrências incomuns eram comuns nas delegacias. E que a criminosa possuía atributos que virariam a cabeça de qualquer homem.

– Neste caso o assassino devia ser homem e não mulher. Cadê os autos? Assim vou me inteirar dos fatos.

Entregou Oliveira ao detetive o que ele pediu e ficou observando sua reação. Após a leitura, Doc pronunciou:

– É algo inusitado! Pelas fotos, ela é bonita... Quantos apartamentos existem no mesmo piso em que Talita reside?

– Dois. São na cobertura, e os vizinhos estão viajando.

– Oportunidade boa pra se cometer um crime!

Na suposição de que o detetive fosse usar a fértil imaginação, aconselhou-o: